

Advérbios pleonásticos: “descobrimo” uma nova modalidade de advérbio

Luciene Pereira de Souza

UNIPAM

Orientação: Prof.^a Dr.^a Sueli Maria Coelho

Resumo: O presente estudo consiste na apresentação de uma pesquisa bibliográfica acerca dos advérbios pleonásticos, seguidos de uma breve análise de expressões lingüísticas do cotidiano, visando a identificar os tipos de advérbio mais susceptíveis ao emprego pleonástico na língua portuguesa informal.

Palavras-chave: Advérbio. Pleonismo. Linguagem informal.

1. Considerações iniciais

Não raro, ouvem-se enunciados como os que se seguem:

(01) Ele não é capaz não.

(02) Fulano é feio demais da conta.

Em ambos os usos, há expressões que se prestam a repetir uma informação já enunciada. Em (01), a palavra *não* ocorre duas vezes, visando a reforçar a negação enunciada. Em (02), a expressão *da conta* reforça a intensidade da feiúra atribuída ao sujeito do enunciado e já marcada pelo advérbio *demais*.

A esse tipo de construção Said Ali (1931) chama de advérbios pleonásticos, justamente pelo fato de tais classes gramaticais se prestarem à expressão de termos já anteriormente apresentados. O termo, muito pouco conhecido, especialmente por não figurar nas demais gramáticas de língua portuguesa, é empregado para se referir a um fenômeno muito recorrente na língua, especialmente em situações de menor rigor formal. A escassez de estudos acerca do tema motivou o trabalho aqui apresentado, que teve por principal objetivo estudar os advérbios do português brasileiro, buscando identificar aqueles que se empregam na língua pleonasticamente e também refletir sobre as possíveis causas de semelhante uso.

A hipótese inicialmente aventada para o uso pleonástico do advérbio é o desgaste pelo uso e a possível perda de seu valor semântico. Como já mencionado, existe uma escassez de material bibliográfico acerca do tema, o que, por si só, já justifica o empreendimento

do estudo, já que os resultados obtidos certamente contribuirão para o avanço dos estudos teóricos de Língua Portuguesa, o que poderá refletir na prática pedagógica.

2. Construção do aporte teórico

2.1 O Pleonasma

Motivo de controversos debates, o pleonasma está muito presente no cotidiano das pessoas. Segundo Cunha (1975), a palavra pleonasma “vem do grego pleonasmós, que significa demasia, excesso, redundância, ou seja, é a superabundância de palavras para enunciar uma idéia já incluída anteriormente” (p. 579), como se vê nestes passos em que se procura reproduzir a fala popular:

“– Entre cá dentro, disse o morgado”.
(C. C. Branco, QA, 224, apud CUNHA, 1975, p. 579).

“– Oh! – bradou a pílula! – muito bem aparecido nesta função, Sr. D. Miguel I! Suba p’ra cima desse tronco e dê lá de cima um bocado de cavaco às tropas! Mas o melhor é descer cá p’ra baixo, real senhor!” (C. C. Branco, BP, 262, apud CUNHA, 1975, p. 579).

De acordo com o autor referenciado, quando não tem nada a acrescentar à força da expressão, esse uso redundante e destituído de informatividade resulta apenas da ignorância do sentido exato dos termos empregados ou de negligência, o que ocorre como uma falta grosseira, caracterizando um vício de linguagem. Nos exemplos (03) e (04) nota-se essa repetição decorrente da pouca atenção do falante em relação a informatividade.

(03) Hemorragia de sangue.

Ora, a reiteração da idéia é bastante clara, já que quem sofre uma hemorragia só pode ser de sangue.

(04) Pronunciar uma breve alocução.

A palavra *alocução* já significa discurso breve.

Camargos (2005) vem reforçar a idéia dita anteriormente, quando questiona quantas vezes já se ouviu alguém dizer que houve um “consenso geral”. Ora, consenso é a opinião geral. E o mesmo problema ocorre com a “opinião individual de cada um” e com a “unanimidade de todos”, já que individual já congrega a idéia de único e unanimidade só pode ser de todos.

Ainda de acordo com Camargos (2005) se esses pleonasmos beiram o ridículo, há outros, no idioma, que são perfeitamente aceitáveis. Vê-se, pois, que nem sempre o pleonasma é um vício de linguagem; vezes há em que é um poderoso recurso de estilo e só se justifica para emprestar maior vigor a um pensamento ou a um sentimento.

No belo “Soneto de Fidelidade”, diz Vinícius de Moraes: “De tudo, ao meu amor serei atento/ Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto/ (...) E em seu louvor hei de espalhar meu canto/ E rir meu riso e derramar meu pranto (...)” (CUNHA, 1975, p. 580). Outro exemplo curioso é: “O cadáver de um defunto morto que já faleceu”. (Roberto Gómez Bolanós, apud CUNHA, 1975, p. 580).

Esses pleonasmos são tidos como pleonasmo literário e trata-se do uso como figura de linguagem para enfatizar algo em um texto. Nessa situação de uso intencional são perfeitamente aceitáveis, empregando estilo ao texto. No primeiro caso, rir só pode ser de riso, logo o autor tentou descrever com isso a intensidade do seu sentimento; e no segundo, quando se refere a cadáver, já contempla a idéia de defunto, morto e falecido; assim o uso dessas palavras pleonásticas, vem reforçar algo já mencionado.

2.2. O advérbio

Diante da perspectiva gramatical, Cunha (1975) define os advérbios como palavras que se juntam a verbos, para exprimir circunstância em que se desenvolve o processo verbal, e a adjetivos, para intensificar uma qualidade. Observem os exemplos extraídos do autor:

“Ternura *leu-o depressa e, meio atordoado, guardou-o no bolso*”. (A. M. Machado, JT, 147).

“O silêncio *é tão largo, é tão longo, é tão lento*
Que dá medo... O ar, parado, incomoda, angustia...” (M. Bandeira, PP, I, 73.)

Segundo o autor referenciado, os advérbios recebem a denominação da circunstância ou de outra idéia acessória que expressam. De acordo com a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), distinguem-se os advérbios nas seguintes espécies:

1. advérbios de afirmação: sim, certamente, efetivamente, realmente, etc.
2. advérbios de dúvida: acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, talvez, etc.
3. advérbios de intensidade: bastante, demais, mais, meio, menos, muito, pouco, tanto, etc.
4. advérbios de lugar: abaixo, acima, ali, aqui, junto, onde, perto, etc.
5. advérbios de modo: assim, bem, mal, melhor, pior, depressa, e quase todos os terminados em mente: bondosamente, regularmente, etc.
6. advérbio de negação: não
7. advérbios de tempo: agora, amanhã, cedo, hoje, jamais, logo, nunca, sempre, tarde, etc. (CUNHA, 1975, p. 500)

2.3. O Advérbio pleonástico

Diante dos advérbios estudados, o autor Said Ali (1938) denomina os advérbios *logo*, *agora* e *hoje*, como sendo advérbios pleonásticos, pois ocorrem às vezes acrescidos de outra locução adverbial de sentido equivalente, tendo este reforço por fim dar ao advérbio mais vigor e ênfase. “Para o primeiro destes vocábulos, permite o falar hodierno a repetição logo logo e também certos dizeres como logo no mesmo instante, logo no mesmo dia, etc. Em português antigo e ainda na linguagem popular do século XIV, se dizia logo essora e logo nessora”:(p. 194).

Mando que *logo nessora* se cumpra o que tens pedido (Gil Vicente 1, 337) — como o rato sente o gato, me sentira *logo essora* (*ib.* 1, 363) — Já t'eu dera hua tamanha, que tu foras *logo essora* (*ib.* 3, 226) — Eu virei *logo nessora*, se m'eu la não detiver (*ib.* 3, 38) — Ellas [companhias] virão *logo essora* (*ib.* 2, 45) — I buscar asinha *logo nessora* hua honrada lavradora de leite pêra criar (*ib.* 3, 25).

Ao advérbio *agora* ajuntava-se pleonasticamente *est' hora*, tornando-se porém o sentido igual ao que hoje se diz por *agora mesmo*, há *bocadinho*:

Não falleis em Deus agora, porque está aqui Pedreanes, que chegou *agora est' hora* (Gil Vicente 3, 250) — Caroto: Há muito? [subentende-se: que passou o rasto do ladrão?]. Draguinho: *Agora est' hora* passou pos estes penedos. Eil-o aqui fresco d'agora não há meia hora, nem creio que há dous credos (Gil Vicente 2, 18 apud Said Ali, 1938, p. 194).

O sentido de *hoje* avivava-se pelo acréscimo de *em êste dia* ou *este dia*. Bastantes exemplos se colhem em *Vida de S. Amaro*, texto publicado por Otto Klob:

O meu senhor deus que me tanta graça fez que me *oje e este dia* mostrou a cousa deste mudo que eu mais desejava de veer (511) — Eu ey desejos muy grandes de meus cõpanheiros de que party *oje este dia* (513) — *Oje em este dia* averedes huu boõ ospede e de muy sancta vida (514) — E *oje em este dia* veeredes quanto e este mudo desejastes (515) — Que *oje e este dia* eu vejo quanto bem em este mudo cobijcey (516) — *Oje em este dia* aa hora de terça (517).

Desta antiga locução pleonástica mencionada anteriormente conservou o português moderno a dicção *hoje em dia*, a qual, porém, já desde o século XVI, aparece com o sentido alterado. Em lugar de se referir somente a um dia, passa a significar vagamente a época atual. Pouco usada como sinônimo de *hoje em dia* é o *dia de hoje*:

Inda que a terra Santa e os lugares della estem ao presente quase de todo destruídos, tem-se o *dia de hoje* tão particular memória das cousas de que a Escripura Sagrada a faz, que parece fé o que contam os da terra (Arrais 317) — Esta amizade ... ha *hoje em dia* entre os varões justos (Heitor Pinto 2, 288) — Muytos ha *hoje em dia*, que com ver-

dade se podem chamar sal da terra e luz do mundo. (Heitor Pinto 2, 558 apud, Said Ali, 1938, p. 195).

3. Descrição da metodologia adotada

Para verificar o problema e para que os objetivos do estudo fossem alcançados, inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica com a finalidade de se construir um arsenal teórico que sustentasse a análise, fundamentando-se em gramáticos da área como Cunha (1975) e Said Ali (1938). No que tange aos advérbios pleonásticos, encontrou-se muita dificuldade, dada a escassez de bibliografia, uma vez que apenas Said Ali o menciona.

Posteriormente, foi feita uma pesquisa de campo, buscando-se coletar expressões do português brasileiro que são empregados na língua pleonasticamente. A grande maioria das frases foi por nós criada, a partir de expressões recorrentes na língua. Tais ocorrências foram analisadas, buscando-se identificar as intenções do uso e os tipos de advérbios mais susceptíveis ao emprego pleonástico.

4. Apresentação dos resultados

Como mencionado anteriormente, os advérbios pleonásticos se fazem presentes na linguagem desde os séculos passados até os dias atuais, sendo mais recorrente na linguagem informal. Nessa modalidade, empregam-se mais como vício que como estilo. Analisem-se os exemplos selecionados para discussão:

(05) Menino, não faz assim desse jeito não.

Quando alguém fala para um menino não fazer algo assim, já dá para entender que não é para ele fazer do jeito que estava fazendo. Além disso, não tem a necessidade de se repetir o advérbio de negação *não*. Assim, pode-se dizer que no contexto há dois advérbios pleonásticos, sendo um deles de negação e o outro de modo.

(06) Anda depressa, correndo.

O pleonasma está presente no final da frase, pois não teria necessidade do uso do advérbio *correndo*, já que o advérbio *depressa*, que também denota circunstância de modo, possui o mesmo valor semântico do *correndo*, que foi acrescentado pelo falante. Ao que parece, este sente uma espécie de desgaste semântico no vocábulo, não o considerando suficientemente adequado para imprimir o sentido desejado. Assim, passa a repeti-lo sob a forma de um termo de valor aproximado, o que provoca a redundância.

(07) Agora, neste mesmo instante, vou ao shopping.

Neste caso, quando o enunciador seleciona o advérbio de tempo *agora*, ele já significa no mesmo instante. Dessa forma, não teria a necessidade da repetição do valor semântico, o que caracteriza o uso redundante de uma expressão adverbial.

(08) Você é muito pouco capaz.

Esse uso de intensificar é muito usual na língua, mas não deixa de ser redundante, já que tanto o *muito* quanto o *pouco* se destinam a intensificar a habilidade ou o atributo do sujeito. Ao que parece, esse é um pleonasma que tem o valor mais intencional do que os demais anteriormente analisados, sendo, portanto, menos vicioso.

(09) Vem aqui perto de min.

O advérbio de lugar *aqui* já denota que é perto do falante. Portanto, o emprego da expressão "de mim" torna-se desnecessário semanticamente. Trata-se de um uso vicioso do pleonasma que, na maioria das vezes, passa despercebido.

(10) Ele é feio demais da conta.

A expressão de intensidade *demais* já se presta a intensificar o grau de feiúra do sujeito sobre o qual se fala. A expressão "da conta" é um mero realce da intensidade, constituindo dessa maneira, um pleonasma que ocorre no âmbito da intensidade. Parece haver uma intenção do falante em exagerar na feiúra, tornando-a quase hiperbólica, o que gera o pleonasma.

(11) Hoje em dia os filhos não respeitam mais os pais.

O advérbio de tempo *hoje* e a expressão *em dia* traduzem a mesma idéia, sendo portanto, pleonásticas. Não existe hoje em ontem, tampouco hoje em amanhã. Esse uso tão recorrente que, inclusive, é nome de um jornal de circulação nacional não acrescenta informação ao texto, sendo, pois, desnecessário. Trata-se de um uso vicioso.

(12) Não vou lá de jeito nenhum.

Quando se diz que não vai a algum lugar, não há necessidade da repetição de *jeito nenhum*, juntando-se ao advérbio de negação *não*. Essa repetição torna a frase pleonástica. Neste caso, parece que o falante tem a necessidade de repetir para reforçar a negação, deixando bem claro a sua intenção de não ir ao local mencionado.

(13) Vou lá perto dela.

O advérbio de lugar *perto* já denota que é próximo, ficando então desnecessário o uso da expressão vou lá. Dessa maneira falamos e nem percebemos o uso pleonástico, pois passa totalmente despercebido o uso da repetição na língua do falante.

5. Considerações finais

Este trabalho se propôs a empreender um estudo sobre os advérbios pleonásticos na língua portuguesa, tentando identificar quais as classes são propícias a esse uso, bem como refletir sobre os fatores que o motivam. Partiu-se da hipótese de que o falante recorre ao pleonasma pra suprir um desgaste semântico.

As análises efetuadas confirmaram essa hipótese em se tratando de pleonasma vicioso. Há, contudo, outros usos pleonásticos, como no caso da intensidade e da negação, que a redundância se presta a reforçar a idéia apresentada. No que tange aos tipos mais propícios ao uso pleonástico, identificaram-se o advérbio de lugar, o advérbio de tempo, o advérbio de modo, além de negação e intensidade já mencionados.

Espera-se que, por meio deste trabalho, possam ser feitas reflexões no que diz respeito à linguagem, à forma como falamos e ouvimos as pessoas falarem, voltando as atenções e reflexões sobre as conseqüências de uso sobre essa nova modalidade de advérbio.

É muito importante ressaltar ainda que, a despeito de muitas das considerações que fizemos neste trabalho, os advérbios pleonásticos não devem ser vistos apenas pelo seu uso vicioso ou mesmo como motivo de riso, mas também como um poderoso recurso estilístico, quando empregados de forma intencional.

Por fim resta acrescentar que, devido a escassez de material sobre o estudo tornou-se difícil e limitada, ficando, então, aberto a reflexões. Ainda assim, acredita-se que os resultados obtidos poderão contribuir para o avanço dos estudos teóricos de Língua Portuguesa, alertando para uma nova modalidade de advérbio: os pleonásticos.

6. Referências

CAMARGOS, s.d. Notícias Online.

Disponível em <http://www.google.com.br>. Acesso em 10/ 09/ 2007.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 2 ed. rev. e atual: Rio de Janeiro, FENAME, 1975.

_____. *Gramática do Português Contemporâneo*. 3 ed. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S.A., 1972.

SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1938.

_____. *Gramática Elementar da Língua Portuguesa*. 8 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, s.d.